



Adelaide Gonçalves
Historiadora

Ela veio para incomodar: a perspectiva histórica de que "o mundo pode dobrar uma esquina"

Livros, gatos em miniatura, rádios antigos de madeira, pratos de porcelana enfeitando as paredes. O apartamento modesto, aconchegante e colorido era um texto a encher os olhos e a antecipar muito de nossa entrevistada, a professora e historiadora Adelaide Gonçalves. Sua presença forte e elegante, cheia de um estilo próprio, impregna aquele lugar e aguça os nossos sentidos; a vida à flor da pele, intensa e visceral, como me parece tudo relativo a esta mulher.

Ela é toda eloqüente: gestos largos, olhar incisivo, cores, pulseiras, cigarros fumados ou simplesmente retidos entre os dedos. Postura pensante, imaginativa, porém respostas rápidas, na ponta da língua. Argúcia. As palavras fluem como um rio que sabe muito bem aonde ir, de forma um tanto cartesiana. Quem é ela? Uma mulher de muitas faces, tal qual José Martí? Creio que sim. Ela é ela e suas circunstâncias, parafraseando o poeta.

A menina nasceu em Tauá, no interior do Ceará, e aos cinco anos aprendeu a ler, com um tio. Estudou em colégio de freira, onde lhe ensinaram a não agredir o Vernáculo – difícil era saber quem era esse senhor! A cidade era a escola e as responsabilidades que advinham dali. Mas o campo... Ah! O campo era a expressão profunda de uma infância feliz: moagem de cana, farinha, milho, cheiros, fartura, festas de santos, a avó Mimosa.

Cresce a menina. Quase moça, auxiliar da bibliotecária no Ginásio Antônio Araripe, mergulhou em *Germinal* e sentiu "como se a cabeça estilhaçasse". Percebeu, com a inteligência e perspicácia que lhe são peculiares, o sentimento do qual Maiakovski também compartilha: "A palavra é um barril de pólvora". Quando explode, a imaginação voa solta e o mundo nunca mais vai ser o mesmo para quem o vivenciou por esses outros olhos, construídos a milhares de mãos, pois não são somente autor e leitor os envolvidos nesse jogo. Os horizontes se ampliam. O sertão passa a ser o mundo.

Irreverente desde nova? Na medida do possível. Não é fácil imaginar Adelaide Gonçalves fazendo trabalho de catequese nos distritos de Tauá. Mas "há passagens inescapáveis na vida de uma pessoa". Não destino, como faz questão de frisar. Tanto que passou da mocinha catequista àquela que quer estar ao lado dos pobres

da terra. E as lembranças agora são povoadas por "uns padres que não vestem batina, falam em sindicato, são perseguidos pelos poderosos do lugar".

Adelaide próxima dos 20 anos: Fortaleza, agora não mais só as férias em casa da tia de classe média. A vida, nessa época, era eterna descoberta, desencadeada de acontecimentos impactantes. Abalaram-na profundamente os vários Severinos, que morrem "de velhice antes dos trinta, de emboscada antes dos vinte, de fome um pouco por dia". As greves do ABC faziam o peito vibrar. O Socialismo parecia cada vez mais próximo. Cuba emocionava e motivava. Por um governo dos trabalhadores, a professora de História ingressa no PT, onde atuou por mais de 20 anos, ao fim dos quais concluiu que "o partido era partido" e a burocratização já havia tomado conta de tudo há bastante tempo.

As palavras – de novo o barril de pólvora! – e a vivência no Pirambu detonam as revoluções interiores, as que pegam na veia, são pra valer. As crianças tinham os cotovelos deformados por bichos-de-pé. Era a miséria urbana. Naquele momento, o que mais coube foi Gorki – "Estou falando de homens que um dia foram homens" – e a vontade dilacerante e pungente de fazer alguma coisa. Estava ganha para o lado esquerdo do mundo. Constrói uma vida em que a questão social é vista como primordial e com um olho sensível, "sin perder la ternura jamás".

Há também a face da pesquisadora que ousa atender ao chamado de seus objetos de pesquisa, o jornalismo abusado dos trabalhadores, "sem compromisso com o bom vernáculo", mas apenas com o novo devir – a aurora de um mundo livre e justo. Na cultura proletária, encantam-lhe o teatro social, as greves – "a coreografia das greves" –, os hinos, o barulho de um piquete, os cortejos de 1º de maio. O coração floresce ao pensar nas possibilidades que a História reserva.

Com que tremenda lucidez esta mulher reafirma sua crença na necessidade da Revolução e no potencial da América Latina em construir uma nova ordem social! Contra os consensos fabricados em escala mundial, com tanta força introjetados em nós, Adelaide apresenta a perspectiva radicalmente histórica de que "o mundo pode dobrar uma esquina".

Equipe de Produção:
Thiberio Fonseca
Waldénia Marcia

Texto de abertura:
Camila Queiroz

Participação:
Ana Cristina Teixeira
Artur Mota
Camila Gadelha
Camila Queiroz
Monyse Ravenna
Thiberio Fonseca
Waldénia Marcia

Fotografia:
Isabela Monteiro



Entrevista com Adelaide Maria Gonçalves Pereira. Dia 25 de abril de 2009.

Waldenia – Adelaide, a senhora passou sua infância em Tauá e veio para Fortaleza já na adolescência. Tem alguma coisa desse período da infância que é uma lembrança forte para a senhora? A senhora tem lembranças fortes desse período da infância?

Adelaide – Sim, sim. Eu nasci em Tauá, lá na região centro-oeste do Ceará, em 1958. Sou a primeira filha de uma família de quatro irmãos e tenho boas lembranças. Boas lembranças de uma cidade pequena, uma cidade onde o convívio era muito fácil. As lembranças mais significativas da infância se referem não à cidade, não à vida em cidade. Desse modo, a minha lembrança é uma lembrança que carrega muito de idealização. Não é propriamente nostálgico, mas é de idealização, porque a minha lembrança é do campo e não da cidade.

Waldenia – Você morou no campo?

Adelaide – Não. Mas tinha o avô (*Pedro Gonçalves*). E os fins de semana ou os períodos de férias são, portanto, na fazenda. É uma relação muito com o campo. Uma vida muito livre, muitas árvores, mangueiras... É uma situação paradoxalmente de abundância. Eu digo paradoxalmente porque é uma região conhecida como uma região de seca, uma região de clima muito árido, de dificuldades. Nasci numa grande seca, mas a minha lembrança é uma lembrança da abundância. É uma lembrança dos engenhos, do que eram os engenhos de cana, do mel, dos cheiros, de muita abundância de frutas, das farinhadas, de casas de farinha... Essa lembrança (é) muito do campo. Então, são lembranças muito positivas. O convívio com uma família muito grande – a família da minha mãe é uma família grande. Essa é a lembrança mais significativa. As lembranças da cidade estão muito ligadas à escola. Fundamentalmente à escola, ao ambiente da escola e à experiência de começar a ler muito cedo e a ter uma vida na escola muito cedo... E de ter muitas responsabilidades. E aí eu me vejo já numa infância sem infância. Eu não tive brinquedos industrializados, bonecas, coisas assim. O que tive de brinquedo foi muito de herança de primas mais velhas que moravam em Fortaleza e me mandavam esses brinquedos, as mais velhas. Então, a lembrança da cidade não é de uma vida em cidade, não é da menina que brinca na rua, não. É muito da escola. De ter aprendido a ler muito cedo, pela mão de um tio (*Seu Francisco Pereira*) – muito simples ele, mas praticamente foi a pessoa que me alfabetizou.

Artur – Em Tauá você trabalhou como bibliotecária. Como é que foi essa experiência?

Adelaide – Eu entro na escola muito cedo. Eu aprendi a ler muito cedo pela mão desse tio, que era uma pessoa muito simples, de poucas letras,

mas gostava de livro. A minha casa era uma casa de poucos livros, evidente. Os livros que entram, já estou na escola, são aqueles livros vendidos de porta em porta. No interior do Ceará e do Nordeste do Brasil é muito comum essa venda de livros de porta em porta. São as enciclopédias, são as coleções de capa dura de assuntos variados que servem para compor a estante. Aprendi a ler cedo, cedo mesmo, com cinco anos de idade eu com certeza já estava lendo.

Não é que eu fui bibliotecária, senão seria mesmo exploração do trabalho infantil (*risos*). Eu estudo numa escola de freiras, numa boa escola. Eu devo muito do que aprendi a essa escola. Tive uma professora de Língua Portuguesa, uma freira. Puxa! Ela me ensinou mesmo a escrever, a fazer redações. Ela era muito severa no trato da língua. Ela dizia muito: "É preciso aprender a não agredir o vernáculo!". E eu, num primeiro momento, não sabia direito quem era o vernáculo e como era que a gente o agredia ou não (*risos*), mas logo fui me situando e fui aprendendo a escrever. Ela corrigia, forçava as redações e forçava nossa imaginação. Oferecia muitos temas e a gente fazia as redações. Num determinado momento, eu passei a fazer esse trabalho na biblioteca como assistente da bibliotecária. Tinha uma bibliotecária e uma boa biblioteca na escola. Ginásio Antônio Araripe era o nome da escola. Hoje é escola de primeiro e segundo grau, uma escola bem maior, da Congregação das Filhas de Santa Tereza. Essa escola existe lá em Tauá. E eu era assistente lá na biblioteca.

Foi um período muito bom. Muito bom! Porque havia pouco trabalho. Aprendi alguma coisa do manejo de como indexar um livro, como catalogar, como fazer empréstimo, fui me treinando um pouco. Mas me sobrava muito tempo para olhar os livros. A primeira imagem é de encantamento com as capas dos livros, aquelas coleções do Monteiro Lobato (*escritor brasileiro, 1882-1848, pioneiro na literatura infantil brasileira*) tinham capas duras e coloridas. E não só o Monteiro Lobato, vários outros livros, as capas, os desenhos... Como é uma escola religiosa, então tem ali uma presença forte também de livros de vida de santo, ou de uma literatura mais, digamos, sã. Porque aquilo passa pelo controle das freiras, não é? Então, eu li o Conde de Monte Cristo, (*de*) Alexandre Dumas (*escritor francês, 1802-1870, autor de clássicos da Literatura*). Estou vendo com o olhar de hoje, na altura eu não sabia quem era Alexandre Dumas. Mas depois fui sabendo. Eu li Monteiro Lobato, eu li Alexandre Dumas e li outros livros impensáveis para aquela idade. Eu já fui ler, por exemplo, *Germinal*, do Emile Zola (*escritor francês idealizador movimento naturalista da Literatura Francesa*).

A idéia de entrevistar Adelaide surgiu ainda no segundo semestre quando ela nos deu aulas de História do Jornalismo.

Ter aulas com Adelaide, além de rico, era muito divertido: todos os dias esperávamos para ver o figurino que ela vestiria. Ela sempre surpreendia com estampas, cores e modelos diferentes de roupa e de cabelo.

Uma parte do figurino de Adelaide que as meninas mais falavam era uma linha, riscada de lápis, que ela fazia desde cima da panturrilha até o calcanhar.

Uma de suas obras mais importantes é Germinal, onde descreve as condições subumanas de trabalhadores de uma mina de carvão, os quais, devido ao contato com idéias socialistas, realizam uma greve). Esse livro foi ter tanta importância depois como pesquisadora pra mim. Naquele momento o que se dá é como se a cabeça se estilhaçasse com tanto... Como a imaginação pode ser potente! Como um livro pode ser potente desde a capa aos desenhos! Então, é a Emília, é a dona Benta... São aquelas viagens ao redor do mundo, são aquelas viagens de Julio Verne (1828 -1905, escritor francês de livros de aventura. Antecipou na Literatura descobertas científicas que se tornariam realidade tempos depois)... *Vinte mil léguas submarinas.* Nossa! São livros impressionantes que você sai da pequena cidade, você começa a compreender que os limites, são infinitos, infinitos. E, mesmo muito nova, você vai tendo uma perspectiva de horizonte.

Artur – A mudança de Tauá para Fortaleza foi uma iniciativa sua?

Adelaide – Não. Não diria que foi uma iniciativa. É mais aquele... Uma espécie de destino daquelas famílias que querem que os filhos continuem a estudar. Na cidade (*de Tauá*) não havia escola de segundo grau. Então, para continuar a estudar (*as pessoas*) têm de se deslocar para Fortaleza ou a outro centro. Mas o centro referente mais próximo, mais possível é Fortaleza, até pela presença de membros da família. Então, eu vim para cá para fazer o segundo grau. Mas eu já conhecia a cidade. Eu tinha uma experiência urbana razoável. Eu passava férias aqui em casa de uma tia (*de*) classe média.

Camila Queiroz – Voltando um pouco à sua história lá em Tauá. A senhora falou um pouco do (*livro*) *Germinal* como uma leitura que mexeu muito com a senhora e aí eu lembro do *Germinal*, dos operários, e lembrei que a senhora também deu aulas para alguns operários em Tauá quando era criança...

Adelaide – Não (*pensativa*). Não diria que fossem operários. Essa palavra não é uma palavra conhecida para mim naquele momento. Era mui-

“Como a imaginação pode ser potente desde a capa aos desenhos. Nossa! São livros impressionantes que você sai da pequena cidade, você começa a compreender que os limites são infinitos, infinitos”

to mais isso de uma pessoa muito nova, muito pequena, que sabia ler e escrever e (*elas*) eram muito mais trabalhadores na fazenda do meu avô. Era muito isso. Tinha lá uma sala, a casa era uma casa grande – talvez hoje não seja uma casa grande, hoje ela deve ser uma casa de tamanho muito razoável. Mas naquela altura, para mim, era uma casa muito grande e tinha essa sala onde eu dava aulas. (*Na sala*) tinha um quadro verde e giz. Eu dava aula para essas pessoas. Que talvez estivessem muito interessadas em ver uma menina muito pequena ensinando A, B, C... e juntar as sílabas. Eu achava interessante me atribuir o papel de professora...

Waldenia – (*interrompendo*) Foi iniciativa sua dar essas aulas?

Adelaide – Sim. Foi sim. Mas veja como isso não representa uma idéia de altruísmo. É bom pôr as coisas nos seus devidos termos, porque senão vai virar uma coisa cabotina: eu fazendo auto-elogio retrospectivo, e não se trata disso. Eu (*estava*) fazendo lá o primeiro grau e dava aulas de reforço aos colegas ou pessoas de séries mais para trás. As mães pediam para eu dar aulas de reforço. É claro que eu ganhava algum, né? E, de certo, eu precisava ganhar algum. Não era brincadeira. É claro que talvez eu preferisse estar brincando do que estar fazendo esse tipo de tarefa. E aquela coisa de quando eu ia pra fazenda, então, ficou uma possibilidade: “Ah! Ela sabe ler e escrever e tem um quadro e giz”. Então, eu decerto me atribuí – olhando para trás – algum tipo de distinção no meio dando aulas, me atribuindo aquele papel de professora. Mas não tinha uma perspectiva altruísta: “Estou fazendo o bem!”. Não. Penso que era muito mais uma forma enviesada de brincar. Uma brincadeira ...

Thibério – Adelaide, sobre sua leitura na infância, uma coisa que todos os seus amigos falaram nas pré-entrevistas era sobre as leituras que você fazia na barbearia onde seu pai trabalhava. Como você vê hoje essa importância que seus pais davam, o orgulho que eles sentiam?

Adelaide – Qualquer dia eu ainda vou parar um pouco mais para pensar como que é isso do impacto da leitura na vida de uma pessoa. Eu tenho lido muito sobre esse tema da leitura e, pra mim, ela teve mesmo muito impacto. Nesse sentido aí, um impacto negativo. É claro que eu não gostava de ler em voz alta para de algum modo meu pai demonstrar que se orgulhava porque eu sabia ler. Mas é claro que eu não gostava daquilo! Mas aquilo também não cortou o meu gosto pela leitura nem o meu desejo de ser leitora. Isso só cresceu. Meu gosto pela leitura é muito sincero, é muito autêntico. A leitura me pegou. É uma coisa que me pega na veia muito cedo. O gosto por livros, por ter lido, por guardar os livros, por não me desfazer dos livros. É uma coisa que muito cedo isso acontece.

Waldenia – Adelaide, você fala que não era altruísta ainda, que não tinha uma perspectiva altruísta (*nas atividades em Tauá*). Mas houve alguém, ou algum fato ainda lá em Tauá que desencadeasse em você o interesse pelas questões sociais?

Adelaide – Olha, o próprio meio é um meio

Um episódio que marcou a turma aconteceu quando ela veio com uma roupa que deixava ver o seio. Passamos a aula nos acotovelando.

pobre. A idéia de pobreza não é literária. A pobreza não é uma experiência livresca. Eu estou num meio onde eu vejo essas distinções sociais. É claro que eu não venho de uma experiência de pobreza. Não estou dizendo isso. Mas eu vejo isso. Por exemplo, todas as sextas-feiras é dia de mendicância na cidade. Os mendigos batem de porta em porta pedindo. Não sei se hoje ainda tem isso nas cidades do interior. Mas na minha cidade tinha. Então, eu conhecia as pessoas que pediam esmola de porta em porta. E eu sabia que aquelas pessoas faziam isso por necessidade. E havia ali uma presença de certo modo das tradições da Igreja Católica, que dizia que o princípio da caridade é um princípio que deve ser cultivado. Por isso as pessoas iam bater nas portas das casas às sextas-feiras e as crianças davam uma xícara de farinha, uma rapadura ou feijão. Não eram restos de comida que eram dados às pessoas. Eu me lembro muito bem disso, como me lembro na feira, como me lembro na própria casa onde morávamos na rua principal da cidade como ainda é hoje. Então, a coisa da perspectiva de entender que o mundo é dividido, ela também aparece cedo. O mundo é dividido: tem aqueles que têm muita terra, e tem aqueles que trabalham na terra dos outros. Isso era claro na fazenda do meu avô. Ele era o dono da terra e ele recebia a meia dos trabalhadores que trabalhavam na fazenda. Ele tinha carro, ele tinha alguns bens que outras pessoas não tinham. Ele tinha uma fazenda grande, gado... E tinha muitos trabalhando lá na fazenda. Então, ele tinha terra, outros trabalhavam na terra dele. Isso eu fui vendo desde cedo. Há uma experiência que é interessante naquela região de Tauá, parte da região de Crateús, que é a presença de uma igreja, dita na altura e tomada como consenso até hoje, a igreja progressista. Então, eu vi ali pela igreja progressista a presença de padres estrangeiros. Padres italianos, franceses...

Waldenia – (interrompendo) E você teve alguma ligação com a Igreja Católica?

Adelaide – Veja, eu estudei em escola de freira. Então eu era cruzadinha (como eram chamadas no Brasil as crianças que participavam da Cruzada Eucarística das Crianças - CEC- união de meninos e meninas de todo o mundo católico, para alcançar a conversão das nações e a restauração cristã da sua pátria, criada pelo Papa Bento XV em 1916), óbvio. Tem certas passagens na vida de uma pessoa que são inescapáveis. Não é como destino, mas é você e suas circunstâncias, diz lá o autor (refere-se ao filósofo espanhol José Ortega e Gasset – 1883 – 1955). É claro que você vai saindo das suas circunstâncias e vai fazendo a sua trajetória. Mas é claro que eu fui cruzadinha! É claro que eu estava indo às missas, que eu estava indo à igreja. Mas logo em seguida, a idéia de Igreja não é uma idéia carola. Não é uma idéia conservadora. A idéia de igreja passa a ser dessa igreja progressista. De uns padres que não vestem batina, de uns padres que falam em sindicato, de uns padres que são perseguidos pelos poderosos do lugar. Então, veja como já vai alterando a sensibilidade. O vocabulário vai se alargando. A mesma igreja que leva você a ser



cruzadinha, a fazer catecismo – eu era catequista, muito criança, catequista nos bairros mais pobres –, passo seguinte é observar que tinha uma igreja que diz que “é preciso estar com os pobres da terra, é preciso estar com os menores entre os menores, é preciso estar com os pequenos”. Conhecer Dom Frágoso! Dom Frágoso é (era) uma personalidade na história da Igreja na América Latina. Eu o conheci lá. Era um bispo da região. E era um bispo sem nenhuma pompa daqueles bispos pensados nos livros de catequese. Compreende? Era um bispo que se indignava com alguns podres poderes, com o latifúndio. É uma experiência muito rica nesse sentido, acho que eu tive muita sorte de viver em um meio ao mesmo tempo rústico, ao mesmo tempo com personalidades que com outros coletivos ajudam a roda do mundo a se mover. Então, foram uns padres muito danados. Falavam em sindicato (com ênfase). Criavam sindicatos naquela região. E eram sindicatos que diziam mal da Arena (Aliança Renovadora Nacional, partido político brasileiro predominantemente conservador que atuou durante o regime militar) e dos partidos políticos e do latifúndio e que falavam em reforma agrária, que falavam contra a ditadura. Então, é uma experiência rica a vivida nesse momento.

Thibério – Vindo para a sua juventude aqui na universidade, como é que a senhora entra nessas questões sociais? A senhora chegou a se reunir em algum grupo aqui na universidade?

Adelaide – É, quando eu faço o segundo grau aqui em Fortaleza, eu tive um professor - eu tenho uma lembrança muito rica dele, ele já se foi - ele era professor de Geografia. Muito bacana, um cara muito especial. No terceiro ano do segundo grau ele foi meu professor. E a minha lembrança não é do professor modelar, não, não. Ao contrário. A lembrança é de uma pessoa absolutamente anti-convencional: uma pessoa alta, magra, excêntrica. Ele dava aula como se estivesse no palco e bailando (gesticula com os braços). Eu me aproximei muito dele. Ele dava aulas de Geografia muitíssimo bem. O que era a aula de Geografia? A aula de Geografia comumente era: estudar os afluentes da margem direita e da margem esquerda (risos). E na véspera da prova era sentar e a gente lia, aí fechava o olho (faz o gesto), aí repetia tal e tal... E os acidentes geográficos... E as serras... O que é uma península... O que é um arquipélago... O que é uma ilha e tal e tal e tal (tira a mão dos olhos). Essas aulas de geografia eram... Ele transfigurava a realidade

Adelaide foi fundadora da Casa da Cultura Socialista que era um importante espaço cultural e promovia círculos de debate buscando o intercâmbio político e de formação social das esquerdas de Fortaleza entre os anos de 2004 e 2005.

Em 2006, Adelaide foi madrinha da Parada Gay de Fortaleza. Ela fez uma tatuagem na panturrilha com o desenho de uma abelhinha, em homenagem à parada. A faixa que recebeu na ocasião está guardada no quarto dela.

Ela tem outras duas tatuagens: uma no dedo, com o desenho de um ramalhete de flores e uma no pé, com a frase "saber é paixão".

naquelas aulas dele. Aí, eu me interessei demais por ele e pelas aulas dele. E ele era uma pessoa que estava montando com um grupo aqui em Fortaleza, ou participando da montagem de Morte e Vida Severina (*poema dramático do poeta brasileiro João Cabral de Melo Neto, publicado em 1966. Relata a dura trajetória de um migrante nordestino em busca de uma vida mais fácil e favorável no litoral*). Olha que sorte! Acho que tive sempre muita sorte de me encontrar sempre com pessoas muito especiais.

Então, ele tava montando Morte e Vida Severina, (*de*) João Cabral de Melo Neto. Esse eu nunca tinha lido. Eu tinha lido *Germinal*, mas *Germinal* é Paris! (*enfática*) Século XIX. João Cabral é o Nordeste do Brasil. É um verbo muito mais próximo da minha sensibilidade, que vai, portanto, alterar a minha sensibilidade doutra forma. E esse professor, Bartolomeu, foi com ele que eu vi Morte e Vida Severina. Não com ele, mas foi esse conhecimento... Aí, eu chego e vou ao teatro, vejo a peça, leio Morte e Vida Severina, fico profundamente impactada com aquele verbo de Morte e Vida Severina. Com aquela encenação. Olha, estamos falando dos meados da década de setenta. Isso não era comum. Isso era inusual. Isso é uma demonstração que é preciso dizer das resistências. Foi com ele também que eu fui conversando com outros colegas e tal. Ali no terceiro ano: "Ah! Tem uns jornais que são de comunista" (*fala baixo, como se estivesse contando um segredo*). Então, tem aí uma gente que é dita nos jornais, que não são os jornais que se vende assim... Era o jornal *O movimento*, era o jornal *Opinião* (*jornais alternativos que circularam nos anos setenta, durante a ditadura militar*)...

Artur – (*interrompendo*) Professora, esse foi o seu primeiro contato com os jornais de esquerda?

Adelaide – Isso. Porque o segundo grau foi um período de muito estudo treinado e pouca leitura, porque eu trabalhava. Tinha que combinar trabalho e estudo. E esse contato com essa coisa... Existia um mundo à esquerda, que não era absolutamente novo porque eu já escutava isso em Tauá, como disse, com aqueles padres, na boca profética daquele bispo. E eu tive uma sorte grande: eu conheci um profeta. Chamava Alfredo Kunz, padre Alfredinho (*Frédry Kunz, 1920-2000. Padre suíço, chegou ao Brasil em 1968 e fez sua opção radical pelos pobres em Crateús. Fundou a Irmandade do Servo Sofredor e passou a vida trabalhando com e pelos pobres*). Ele era bem pequenininho, um profeta. Verdadeiramente um profeta. Então, eu tinha essa memória. Eu conheci essas pessoas, isso tudo a partir de uma tia, a Chichica, que é uma pessoa admirável – está lá em Tauá, vive lá, que era da equipe do Dom Frágoso. O jornalismo, entra aí já no final do segundo grau e na entrada da universidade. Esse novo verbo, aqueles jornais com as capas muito diferentes (*com ênfase*). Aí foram esses jornais, a revista *Realidade*... Nossa! Muito impactante aquele tipo de revista, aquele tipo de reportagem, aquele tipo de leitura. Era uma coisa muito impactante. Eu entro na universidade, passo no vestibular pra história, claro. Eu

fiz História porque eu queria fazer. Era uma coisa difusa: "História ou Ciências Sociais?". Ciências Sociais parecia mais charmoso. Sinceramente, parecia mais de acordo com uma idéia de ser de esquerda, compreende?

Waldenia – Então você já tinha delimitado essa história de ser de esquerda naquele período?

Adelaide – Eu estava ganha. Para esse lado do mundo eu tava ganha. Eu não tinha dúvida. Era difuso o que é ser de esquerda. Isso era difuso. Mas eu sabia que existia Partido Comunista, eu tinha um tio filiado ao Partido Comunista. Corria a lenda que ele morou na União Soviética, em Moscou. Ele vivia em São Paulo. Então, isso para mim era claro. Sobre o meu lado no mundo eu já sabia. Eu sou do lado esquerdo do mundo. Não é possível ser feliz no mundo doutro lado. Isso para mim estava claro. Eu não sabia é que era muito difícil ser feliz. Isso eu não sabia naquela altura (*risos*). Mas eu sabia que tinha de ser daquele lado. Eu entro na universidade, fazendo História.

Waldenia – Adelaide, antes de entrar na universidade, a senhora trabalhou durante o ensino médio num escritório de Contabilidade. Depois de entrar na universidade passou a desenvolver um trabalho de alfabetização de adultos no Pirambu. Essas atividades foram paralelas ou a senhora deixou uma para fazer a outra? Como foi essa mudança?

Adelaide – Deixei, deixei (*o trabalho com contabilidade*). Logo quando eu entro na universidade, eu vou morar na residência universitária, ali na 2216, vizinho ao Conservatório Alberto Nepomuceno. Fui ter outro tipo de experiência. De morar na residência universitária, de frequentar a cantina onde vocês andam, onde vocês sentam. Ela tinha outro tipo de vivência. Não era a mesma cantina que é hoje. Claro: cada espaço tem os usos que as pessoas oferecem. No período em que eu frequentava aquela cantina, tinha lá outros usos. Que tipo de uso? Eram as primeiras eleições para DCE, para CA's, porque tudo isso tinha ficado impossível, dada a ditadura. Era ali que a gente aprendia o primeiro vocabulário. Então isso de morar em residência universitária, tentar algumas bolsas dentro da universidade para fazer algum tipo de trabalho...

Veja bem, a primeira bolsa que eu tive, veja: Projeto Rondon (*Projeto federal criado pelo governo militar. Promovia atividades assistenciais em comunidades carentes e isoladas com estudantes universitários como bolsistas ou voluntários*). É uma das coisas mais identificadas de como a ditadura agia no período dentro da universidade. No sentido da domesticação dos estudantes, no sentido de disciplinarizar os estudantes, de afastá-los do movimento estudantil e levar para ações meramente no marco assistencial. Mas a minha turma de projeto Rondon teve outra experiência. Então, olha, a gente estava nos bairros Parque São Miguel, Jardim Guanabara, Jardim Iracema, Pirambu. Aquilo que a gente recebia como treinamento ali no Projeto Rondon era fazer trabalho nas comunidades. Ação Comunitária, era esse o programa. Qual era

Em 2007, Adelaide organizou, juntamente com a Escola Nacional Florestan Fernandes, a Conferência Internacional Vozes de Nuestra América, sobre o pensamento latino americano.

a ação comunitária que nós fazíamos? Ora, nossa linguagem qual era: nós estávamos lendo Paulo Freire (1921-1997, importante educador brasileiro, com destacado trabalho na área de educação popular) nós estávamos profundamente impressionados com esse livro chamado *Pedagogia do oprimido*, com esse livro chamado *Ação cultural para a liberdade*, com essa idéia de palavra geradora, com a ação do Paulo Freire na Guiné Bissau, com o prestígio internacional que o Paulo Freire tinha nos círculos à esquerda, por uma ação pedagógica cuja finalidade não é ensinar a ler e a escrever à maneira do Mobral (*Movimento Brasileiro de Alfabetização, projeto criado pelo governo militar brasileiro para alfabetização de jovens e adultos*), da perspectiva da ditadura. Nós éramos estudantes de Comunicação, de Ciências Sociais, de História, de Odontologia, de Medicina, de várias áreas. A gente ia ali, para a Rádio Universitária, era ali que era o Projeto Rondon, ali a gente recebia esse chamado treinamento: Perspectiva de Desenvolvimento de Comunidade, era muito essa idéia de serviço social do período. E dali nós íamos para os bairros e a gente fazia numa perspectiva micro nossas pequenas revoluções. Inclusive as interiores, que são as revoluções que são para valer. Foi aí que eu comecei de modo voluntário a fazer educação de adultos na Rua São Cura D'Arç, no Pirambu. Eles chamam Cristo Redentor um pedaço, nossa Senhora das Graças outro pedaço, mas o que vale mesmo o nome é o Pirambu, que é o nome de um peixe. E ali eu dava aulas à noite de segunda à sexta para adultos. Foi uma experiência ao mesmo tempo difícil, ao mesmo tempo rica, ao mesmo tempo muito impactante. O contato com a miséria urbana! Ali eu comecei a ler o Gorki, Máximo Gorki (*pseudônimo de Aleksei Maksimovich Peshcov, 1868-1936, novelista russo, militante do marxismo*). Essas minhas experiências são muito marcadas também pelas leituras. Eu li *A mãe*, do Máximo Gorki, eu li *Minhas Universidades*, do Máximo Gorki. Eu me lembrou de uma passagem quando ele dizia: "Estou falando de homens que um dia foram homens". Eu entendia o que era isso de ex-homens. Sabe, quando eu via aquelas crianças com os cotovelos completamente deformados de bicho de pé – eu não imaginava que pudesse ter bicho de pé no cotovelo das pessoas (*fala emocionada*).

Artur – Foi a partir daí que começou o seu interesse por estudar os operários, a classe sindical?

Adelaide – Não, não. Não um interesse em estudar. O interesse aí é em fazer alguma coisa. O interesse aí não é propriamente isso de pesquisador, isso de estudioso. O interesse aí é da ação. "O que é possível fazer num mundo tão marcado pela injustiça, pela desigualdade?", "O que é possível fazer nesse mundo?". É quando eu entro na universidade, me encontro com outras pessoas, com grupos à esquerda (*e estudantes*) de uma geração anterior à minha, alguns. Eu começo a fazer militância propriamente de esquerda. Com um corte muito claramente de esquerda, mas sem o corte partidário. Eu diria hoje – na altura eu não tinha essa reflexão de modo algum, algumas

pessoas falam do passado como se tivessem feito essas reflexões e essas escolhas existenciais com a madureza que terão depois – (*que*) eu tive outra vez sorte de não me filiar a partido, de não me engajar pela via dos partidos que existiam no período. Então eu ingressei num movimento social, chamava Movimento Contra a Carestia.

Artur – Por que a sorte – você diria?

Adelaide – Porque eu acho (*que o*) partido (*é*) partido. Eu acho que se eu tivesse naquele momento ingressado formalmente como militante de esquerda partidária, talvez eu não tivesse uma experiência com essa gente extraordinária que é a gente simples nos bairros e nos sindicatos do interior do Estado. A minha experiência não é logo uma experiência de movimento estudantil, de jovem de classe média na cidade, não é a experiência de militante tarefeiro em partido de esquerda. Nesse sentido a minha experiência foi outra.

Como é que é a experiência? Em São Paulo, as mulheres – as mulheres são muito danadas historicamente, as mulheres pobres, as mulheres da classe trabalhadora – em São Paulo realizam esse movimento chamado Movimento do Custo de Vida, e aqui a tradução foi Movimento Contra a Carestia. Muito mais adequado aqui pro Ceará, né? A gente estudante muito jovem, dezessete, dezoito anos, dezenove anos de idade, nós ingressamos... Não é que ingressamos, ajudamos a constituir esse movimento aqui em Fortaleza. Tinha gente de bairro, gente de sindicato... Teve a primeira greve dos metalúrgicos. Tinha os operários metalúrgicos. Então, de novo isso não era uma experiência dos livros. Hoje você estuda nos livros o que são as greves do ABC, eu estava vendo. Eu estava vendo a história se mover e eu podia fazer alguma coisa. Eu estava ali. Sou filha daquele momento. Alguns dizem: "A minha geração não tem nem pai nem mãe, é sem eira nem beira". Eu não acho isso. Todas as gerações constroem as suas possibilidades históricas de se pôr em movimento. Vocês também. Naquela altura para nós foi essa experiência.

Outra coisa que foi marcante na minha experiência na universidade: visitar os presos políticos no Instituto Penal Paulo Sarasate (*presídio da região metropolitana de Fortaleza*). Aquele quadro que está ali na parede (*aponta um pequeno quadro talhado em madeira*) é feito por eles. Pode até tirar aí. Está aqui: (*lê a inscrição atrás do quadro*). "Adelaide, eles nos cercam com muros, eles nos confinam com grades, mas não conseguem

"Eu sou do lado esquerdo do mundo. Não é possível ser feliz no mundo doutro lado. Eu não sabia é que era muito difícil ser feliz"

Logo no dia que decidimos os entrevistados a produção (Waldenya e Thiberio) foram avisar da decisão e convidá-la a participar.

A recepção não podia ser melhor, ela deu um grito, soltou uns livros que segurava e disse: "Vou ser capa da revista!"

Durante o período de produção da revista, Adelaide estava envolvida com a organização do simpósio da Anpuh (Associação Nacional de História) e praticamente morava na casa da Anpuh, escritório que ficava na UFC. Era lá que a encontrávamos para conversar.



reter as nossas idéias de esperança, confiança e certeza num futuro com liberdade e justiça. Vivemos o cotidiano dos difíceis tempos da prisão, mas a nossa amizade por você cresce e frutifica, neste Natal e Ano Novo, receba o nosso fraterno e carinhoso abraço (*lê os nomes dos presos políticos que assinam a mensagem*). Então, isso aqui foi um Ano Novo que eu passei dentro da cadeia com eles. Eu tinha o quê? Dezenove anos. Essa experiência é uma experiência completamente inusitada. Eu ia lá, não era passear. Entrar na prisão! Jovens, muitos jovens que eram tidos como terroristas. Essa palavra não é uma palavra do vocabulário só de hoje, dos Estados Unidos semeando o seu terrorismo de estado e chamando o outro que ele não reconhece como terrorismo. Não. Esses aí (*aponta para os nomes inscritos no quadro*), esses nomes aqui eram isso, terroristas desse período. Eu comecei com esses colegas da universidade, as visitas eram aos sábados no presídio. Quem era que visitava os presos? As famílias dos presos e as mulheres do Movimento Feminino pela Anistia. Eu não participei desse movimento. Eu sou de uma geração um pouco mais nova. Éramos muito novas, não tinha nenhum rapaz, só umas moças. A gente ia todo sábado. Eles faziam esse tipo de artesanato durante a semana (*aponta para o quadro de madeira*) e a gente trazia para vender. Era de couro e de madeira, era bolsa, era porta-níquel... E a gente levava comidas legais dia de sábado, discos, radiola para ouvir discos...

Ana Cristina – Como professora a senhora é participante ativa de diversos movimentos sociais. Como é que a senhora avalia esse diálogo entre a academia e os movimentos sociais? Esse diálogo existe? Ele é concreto?

Adelaide – (*pensativa*) Não, acho que não existe diálogo. Não. Penso que vários pesquisadores realizam sérios, rigorosos e competentes estudos, pesquisas, análises cujo foco é o movimento social urbano, os movimentos sociais e camponeses. Não estou dizendo mal da pesquisa, não se trata disso. Mas eu acho que (*entre*) a instituição universidade e os movimentos sociais como sujeitos em ação não há esse diálogo não. Aqui e ali pode-se inaugurar um novo vocabulário, como é que chama hoje... Política de inclusão, mecanismos de inclusão. Diálogo nesse sentido, não. Não acho que exista isso não.

Waldenia – Mas a senhora é considerada uma intelectual influente dentro e fora da academia. E nos eventos e nas coisas que participa a gente consegue perceber esses dois (*da academia e*

dos movimentos sociais) públicos. É difícil, então, fazer isso, unir esses dois públicos?

Adelaide – É difícil! É difícil! É difícil! Eu não creio que seja uma coisa fácil de realizar porque você tem momentos de conflito. Conflito interior, conflito existencial. Momentos em que você tem muito desejo de romper com essas formas de institucionalidade, com essas formas em que você, por força do seu trabalho, da sua vida dentro de uma instituição realiza, como professor, dentro de uma instituição e tem a sua perspectiva de militante social, de militante em movimento social. Eu me defini, desde algum tempo atrás, como militante de esquerda social. Eu já fui militante partidária, me filiei. O primeiro partido que eu me filio, o partido que eu voto, é o Partido dos Trabalhadores, o PT.

Artur – Você foi uma das fundadoras do partido? (*ela fica em silêncio, pensativa*) Junto com o Auto Filho (*Francisco Auto Filho, primeiro presidente do PT no Ceará, atual secretário de Cultura do estado*)?

Adelaide – Não. Como fundação não.

Artur – Mas você participou do processo de fundação?

Adelaide – Estive na cena.

Monyse – Queria falar um pouquinho ainda dos livros. O Manifesto do Partido Comunista, um dos livros mais lidos do mundo (*Adelaide sorri largamente*). Aqui na sua casa ele encontra um abrigo todo especial, você tem uma coleção que talvez seja uma das maiores coleções do mundo desse título. Por que esse cuidado todo especial com a memória do Manifesto?

Adelaide – Veja, tem várias curiosidades. É muito interessante como é que um livro que não foi escrito para ser livro, que não foi escrito como livro, torna-se um livro. E torna-se um dos livros mais lidos no mundo. Quem gosta de livro, quem começa a desenvolver esse amor muito grande por livro também se apegua a algumas distinções que esses livros trazem. O Manifesto tem uma história muito específica como esse tipo de livro. O século XIX estava chegando à sua metade, é a geração 1848. Essa geração que está entendendo que o mundo podia virar uma esquina, podia dobrar uma esquina. Eles estão realizando um novo vocabulário. Eles atribuem sentido a algumas palavras que não existiam. Eles estão criando o vocabulário do século. A burguesia propôs um vocabulário que uniformizava o século XIX: progresso, ciência, máquina, trem, locomotiva. Mas esses revolucionários do século XIX estavam pensando outras palavras. Herdeiros do vocabulário do século XVIII: fraternidade, igualdade, liberdade, utopia. Eles estavam inventando essas novas palavras: revolução, comunista, liga, justos, partido comunista, “a emancipação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores ou não será emancipação” (*fala com entonação expressiva como se imitasse um discurso*). Essa idéia de que a classe é que tem que realizar a sua auto-emancipação. A idéia de liberdade tendo como referência um sujeito social concreto da história. Os homens como realizadores da história.

Depois, quem anda muito em sebo como eu

A casa da Anpuh tem um espaço lindo e (como tudo em Adelaide se envolve) é cheia de livros. Todas as vezes que vamos conversar com ela sobre a entrevista, saímos com um livro de presente.

ando, vai visitando sebos e arquivos... Então qual o livro que assume essa dimensão, essa perspectiva do colecionismo que tem o registro histórico? É o Manifesto. Claro, podiam ser os livros do Monteiro Lobato, que ensinou tanta gente a ler e inaugurou uma literatura propriamente infantil. Mas o Manifesto tem esse apelo da mudança do mundo, da criação doutro mundo. Mas tem outra coisa que tem muita importância nessa coleção do Manifesto: vários são dados de presente por várias pessoas. Várias edições. Então, é uma coleção que tem várias histórias dentro dela.

Monyse – Em uma entrevista sua no Diário do Nordeste, você afirma que livros e alfarrábios são a sua segunda grande paixão. E qual seria a primeira?

Adelaide – (*pensativa*) Eu tenho hoje muitas dúvidas entre os homens e os gatos (*risos*). Eu digo que são a segunda porque o livro para mim não é um fetiche. O livro para mim não é uma substituição: “Estou tão desiludida com a humanidade que eu vou em busca dos livros porque neles eu encontro a segurança da palavra”. Não. A minha segunda grande paixão são os livros porque são livros que registram o melhor da humanidade, porque são produzidos por pessoas: homens e mulheres. Este ano eu estive na cidade de Lima. Foi uma experiência terrível, passar uma semana em Lima, no Peru. Terrível! Um dos momentos mais bonitos naquela cidade foi numa calçada de sebo (*conseguir*) encontrar um livro da Mary Wollstonecraft (*escritora britânica do século XIX, considerada pioneira no feminismo moderno*). Essas experiências são muito decisivas em quem gosta de livro. Mas eu saí do assunto...

Monyse – Sua grande paixão...

Adelaide – A primeira são os homens. São as pessoas. Essa ligação grande que eu tenho... Como eu tenho com os alunos. Isso é absolutamente sincero! A minha ligação com os alunos não é uma ligação populista. Eu não sou candidata a nada. Graças a Deus (*risos*). A minha ligação com os alunos é genuína. Eu gosto dos meus alunos. Eu gosto de gente. Eu gosto do semterra, eu gosto do semterrinha. Gosto das crianças semterra. Eu não tenho problema de maternidade não resolvida porque não fui mãe. Meus alunos não são meus filhos. Alguns poderiam ser meus namorados se quisessem (*muitos risos*). Então, não é por substituição. “Ela gosta dos alunos, ela queria ser mãe deles”. “O aluno tal é o filho que eu queria ter”. Não. De modo algum. Minha relação com os alunos é uma relação de iguais. Temos idades diferentes, mas temos sensibilidades muito próximas.

Artur – E os gatos?

Adelaide – Aaaah, os gatos! Eu acho gato muito bonito. Elegante, bonito. É de uma elegância! Eu tenho muito gosto pela elegância. Eu acho que é possível fazer luta de classes com muita elegância. Elegância no trato das palavras, elegância na escrita. Elegância é uma forma de estar no mundo. Tem que ter uma visão bonita. Queremos um mundo muito belo. O que é feio é o Capital. Feio e destrutivo é o modo como eles destroem o mundo. Os gatos são muito elegan-

tes ao mesmo tempo eles são muito parecidos com os humanos no que os humanos têm de falso, têm de dissimulados. O meu é um gato persa que vive em Tauá.

Camila Queiroz - Adelaide, ainda sobre os livros. O seu acervo tem por volta de 15 mil livros, é um acervo muito bom. Existem livros que estão aqui que não tem na biblioteca da UFC, por exemplo. Você tem a intenção de um dia abrir para visitação e transformar numa biblioteca?

Adelaide – Camila, eu não fiz isso ainda porque não pude, não é falta de desejo ou de determinação. Isso é um problema concreto, é uma tentativa que eu me pus como dimensão da minha vida: de tentar alguma coerência entre o que eu digo, entre o que eu penso, entre o que eu faço. É muito difícil isso, eu tento sempre. Então, para mim, ter esse acervo não é uma coisa simples, não é fácil e nem é bom. Porque não é possível, não é adequado, não é bonito ter um acervo com x livros ou com alguns exemplares que são raros e tal, de uso privado. Não acho isso bonito. Isso é pra ser público. Mas eu não tive condição material até aqui de realizar esse acervo como uma forma pública. E nem tive – e isso eu digo com tristeza – e nem tive uma forma de compartilhar esses livros. Eu não tenho e não tive um grupo de pessoas nessa cidade que pudesse dizer: “Vamos cuidar juntos desse acervo”, sem que para isso fosse preciso fundar uma ONG, fazer um projeto, captar um recurso, eu não quero esse tipo de relação desses livros como uma perspectiva institucional.

Então, eu não tive ainda isso, um grupo de pessoas (*que dissesse*): “Ah, vamos alugar uma casa”, “vamos fazer um galpão”, “vamos fazer um arquivo de História Social com esse livros”, “vamos botar as pessoas para ler e escreverem e trabalharem”, “vamos ter uma editora para publicar livrinhos que ninguém queira comprar, livros que não sejam realizados como compra e venda, que sejam livros distribuídos”... Então, não tenho isso. Eu não tenho essa perspectiva do bibliófilo, que tem o livro como fetiche. Não estou dizendo mal deles, mas eu não sou isso, eu não sou bibliófila. O livro não é fetiche. Não sou avara, no sentido de dizer “eu tenho esses livros”. Eu gostaria que isso estivesse numa casa mais próxima do centro da cidade. Onde as pessoas pudessem

“Eu não tenho problema de maternidade não resolvida porque não fui mãe. Meus alunos não são meus filhos. Minha relação com os alunos é uma relação de iguais”

Da segunda vez que a procuramos, na Casa da Anpuh, a secretária disse: “O Benfica inteiro já sabe da entrevista. Ela conta para todo mundo.”

Durante a produção, conversamos com a sobrinha Fernanda. Ela disse que a tia atravessou a cidade de Florianópolis alagada pela chuva só para comprar um picolé de limão que ela tanto pedia.

Telefonamos para a mãe dela, que mora em Tauá, pelo telefone da coordenação. A cada três minutos a ligação caía e a gente pedia desculpas.

ir no fim de semana à noite, qualquer hora e ler. Mas era preciso ter essa condição objetiva: o espaço e pessoas tomando de conta. Quem sabe um dia?

Camila Gadelha – A senhora falou de uma coerência entre o que fala e o que faz. Em algumas pré-entrevistas que a gente fez, algumas pessoas disseram – e a gente observa também – que a senhora não tem carro, não dirige por opção, e a questão de você não ter plano de saúde.

Adelaide – (Sorri) Eu não quero de jeito nenhum estar aqui falando de modelo tal. Não quero que vocês tenham uma imagem que eu estou aqui com qualquer tipo de cabotismo. Apenas eu não quero ser uma pessoa igual às outras pessoas, eu não quero adotar o modelão que está aí. Não quero isso para minha vida, não quero. Aí, as pessoas dizem: “Paga-se um preço alto”. Não, não é verdade. Não é verdade que se paga. Há que ter uma escolha. Eu não tenho carro. Eu chego, às vezes, numa loja x, num restaurante y, e a pessoa diz assim: “Não sei o que pro carro”. Está sempre associando à existência da gente a um apêndice: o rabo dos humanos é o carro. O carro é uma parte do seu corpo, uma parte da sua existência. Eu não precisei... Eu não tenho, não tive (carro)... Carro não foi um desejo. Eu não venho de uma família que o pai ou a mãe podia dizer: “Quando passar no vestibular, vai ganhar um carro”. Eu não tive essa condenação, né? Porque alguns têm essa condenação e não se vêem fora desse modelo. Têm dificuldade até de se ver fora desse modelo. Eles nem se entendem sem carro. Mas eu não tive essa experiência. Então, eu não me via como vaidosa tendo um carro. Eu gosto de bolsa! (risos) Adoro bolsa! Adoro roupas diferentes! Umas sandálias diferentes. Eu gosto muito de chamar atenção pela roupa, pelo estilo. Claro, isso é estudado até, né? Não vejo nenhum mal nisso, todos temos nossa porção narcísica.

Monyse – Adelaide, tem uma mulher mexicana que a gente vê que ela é muito presente nas suas falas, nas suas roupas, na sua casa, na sua vida, que é a Frida Kahlo. Por que essa importância? Esse destaque?

Adelaide – Bom, eu tenho um amigo na Universidade, professor da Universidade, como eu, que ele diz – a pretexto de uma conversa simples, ele tem uma tentativa de me analisar –, ele diz que o meu programa de vida inclui um programa muito deliberado de auto-sabotagem (risos). O que ele quer dizer (é) que eu me atribuo algumas responsabilidades que (me) moem, que às vezes me trituram. Tem uns trinta anos que eu descobri a Frida Kahlo (Magdalena Carmen Frida Kahlo y Calderón, pintora mexicana da primeira

metade do século XX), então quando eu descobri a Frida Kahlo, ela vem um pouco realizar – isso lá na descoberta, hoje não –, mas lá na descoberta, está muito ligado à coisa do sofrimento, da dor. É um pouco um elogio à dor e ao sofrimento da humanidade. Eu fui muito tocada por aquelas imagens da dor e do sofrimento: o auto-retrato dela, é isso do dilaceramento da coluna dela pela dor (aos dezoito anos a pintora sofreu um acidente de ônibus no qual fraturou três vértebras, fragmentou a tibia e a fibula direitas, e a bacia).

A primeira imagem que eu me lembro da Frida Kahlo é aquele auto-retrato mesmo. Depois não, hoje não. Hoje eu tenho um zelo muito grande pela Frida. Onde eu vou eu procuro um livro dela, sobre ela, alguma coisa. Tenho uma espécie de santuarinho na casa, que é para ela. Todos nós temos os nossos, os nossos santos de estimação, ainda que sejamos absolutamente laicos na forma de ver o mundo. Mas santos no sentido de (que) veneramos, adoramos. Não sei se todos, mas eu tenho necessidade de ter essas figuras da veneração, da adoração. Hoje ela cumpre esse papel. Mas hoje, eu olho a roupa dela... Tem alguns livros dela que olho, às vezes, eu fico o dia olhando a roupa, as fotos dela, ela com 22 anos de idade. Puxa vida! A roupa dela, o modo dela se vestir, dela se pôr é uma coisa tão moderna que é difícil você ver aquilo como uma coisa da década de 20, de tão moderno que é. E, depois, a ligação dela com o Surrealismo, a ligação dela com o mundo à esquerda, com o Comunismo. E aí eu até entendo como é que ela pinta o Stalin. Então, eu não fico fazendo cobrança à Frida: “Porra, que ela pintou o Stalin e disse viva ao Stalin”. A gente tem que compreender as figuras no seu próprio tempo.

Waldenia – Você se identifica com ela?

Adelaide – Não. Não é uma questão de identificação. Seria muito pedante da minha parte dizer isso, porque ela é uma grande artista. O que é que eu gosto na Frida Kahlo, na Tina Modotti (Assunta Adelaide Luigia Modotti Mondini, fotógrafa e militante comunista. Nasceu em Udine, Itália, em 1896 e morreu na Cidade do México em 1942), na Flora Tristan (escritora francesa do século XIX, 1803-1844, uma das expressões socialistas de sua época, usava a palavra para denunciar as péssimas condições em que vivia a classe operária na França, e sobretudo a posição de submissão em que se encontrava a mulher na sociedade), na Louise Michel (1830-1905, professora, poetisa e escritora francesa. Importante militante e pensadora anarquista do século XIX. Participou ativamente da Comuna de Paris), na Mary Wollstonecraft? Eu gosto nessas mulheres a disposição que elas tiveram para barbarizar, para dizer mal do mundo em que elas viviam, não é? Para dizer mal da burguesia, pra dizer mal dos círculos sociais fechados, para dizer mal dos comportamentos tradicionais, do casamento, para dizer da possibilidade de uma sexualidade livre – e eu não sou lésbica, mas poderia ser, não sou porque não sou – quer dizer, são pessoas que têm uma sexualidade muito mais livre. Que transitam, e com muita dor, no mundo. Essas pessoas sofrem muito, mas não é o sofrimento

“Apenas eu não quero ser uma pessoa igual às outras pessoas, eu não quero adotar o modelão que está aí”

Inicialmente, a entrevista foi marcada para o dia 18 de abril, no apartamento da professora. Mas ela adiou uma semana antes para fazer uma visita ao pai que estava doente em Tauá.

delas que me atinge. Quando eu olho para Louise Michel é isso de ser uma *communard*, de estar experimentando, de lá, naquele tempo, fazer parte do exército da revolta da Comuna de Paris. Assim como a Mary Wollstonecraft, na Inglaterra, escrever sobre o direito das mulheres, no século XVIII. A *Nísia Floresta* (Dionísia Gonçalves Pinto, escritora feminista do século XIX, nascida no Rio Grande do Norte) no Brasil, fazendo isso aqui, no Nordeste do Brasil. Então, não é uma questão de identificação, é uma questão de admirar essas pessoas que ousaram viver de modo diferente, tiveram gosto pelo inusual. E o mundo onde a gente vive é muito masculino é muito marcado pela presença (*dos homens*). Ainda hoje (*ênfase*), as mulheres são coadjuvantes.

Camila Queiroz – Adelaide, nos espaços em que a senhora esteve, como, por exemplo, o partido, geralmente acha que a questão de gênero é secundária. Eu queria saber se a senhora já passou por algum preconceito. Como foi a sua vivência sendo mulher dentro de um espaço que é o partido político, que é um espaço um tanto conservador?

Adelaide – Eu vou saltar um pedaço, eu não vou dizer mal da experiência – se a gente tivesse muito, muito tempo para conversar, certamente eu fosse dizer mal dessa experiência de filiação partidária. Eu acho que não seria a forma mais correta, num breve espaço de tempo, dizer (*que*) é uma experiência completamente negativa. Me filiar ao Partido dos Trabalhadores, ao PT, foi seguir querendo buscar essas formas de realização das utopias. Qual era a consigna do PT quando ele se funda, quando ele se realiza como um partido? “Por um governo dos trabalhadores, por um partido dos trabalhadores, sem patrões”. É claro que isso calava muito fundo na nossa imaginação! A idéia da revolução na América Latina, porque nós estávamos ali muito colados a um tempo imediatamente anterior, e muito próximo, que é o tempo da Revolução de Cuba, a Revolução em Cuba é em 1959 (*faz uma digressão sobre a revolução cubana*). Então, não é a experiência da pop arte de conhecer o Guevara (*Ernesto Guevara de la Serna, conhecido como Che, argentino revolucionário de importante atuação na Revolução Cubana*) pelo silk, pela camisa, pelo objeto. Nossa experiência não era essa. Decididamente não era essa. Era a experiência de quem foi tocado. Então o Partido dos Trabalhadores no Brasil é muitas coisas para vários... Não tem isso de o partido se funda e há uma adesão monolítica e em blocos e legiões que pensam da mesma forma. Não! Aquilo é uma forma avassaladora que vai mexendo com sensibilidades, não é?

São muitas gerações que estão no nascimento do Partido dos Trabalhadores. É só pegar a fotografia da fundação do Partido dos Trabalhadores: tem o Mário Pedrosa, do alto de seus oitenta anos, um grande crítico de arte, com uma experiência muito cosmopolita de esquerda social e de oposição de esquerda, como tem um homem como Apolônio de Carvalho, militante da guerra civil em Espanha, por exemplo. Como tem um homem, imagina, como Sérgio Buarque de Holanda, não é? Sérgio Buarque de Holanda



é um dos principais intérpretes do Brasil nos anos 1930 (*empolgada*) e vai estar em 1979 e 1980 como intérprete do Brasil entendendo que o Partido dos Trabalhadores é a possibilidade de continuar a construção da nação. Veja aí como é rico (*o rol de membros do partido*). Então, o meu engajamento no Partido dos Trabalhadores como militante, como dirigente, fez parte desse imaginário da Revolução do Socialismo. A gente dizia a palavra Socialismo nos encontros com tanta familiaridade, era tão, era tão... usual essa palavra, não é? Compreende? Mas eu não sei se me afastei muito Camila...

Camila Queiroz – Na verdade, a questão não era nem para se restringir ao partido. Era mais sobre a sua experiência como mulher, se você sofreu preconceito dentro do partido, ou até na academia também, pelo fato de ser mulher.

Adelaide – Então, nós éramos muito jovens, estudantes da universidade, outros de movimentos de bairro. É claro que os dirigentes eram todos homens. O que é verdade é que eu não me pus essa questão naquele momento, por que eu não era dirigente? Você entende o que eu quero dizer? Quer dizer, eu não tinha consciência dessa subordinação. As leituras de gênero são leituras que não estão neste momento presidindo a minha formação, vamos ser bem francos. Claro (*que*) eu conhecia, tinha ali a obra da Alexandra Kollontai (*dirigente feminina da Revolução de Outubro de 1917, na Rússia, responsável pela elaboração da legislação revolucionária do Estado Soviético que, pela primeira vez na história, reconheceu e impôs a igualdade de direitos entre os sexos*), *A nova mulher e a moral sexual*, mas não eram esses os livros principais que a gente estava lendo como militante de esquerda naquele momento. Se não eram esses, é porque essa questão não era importante para os dirigentes masculinos. Eles não estavam realizando a sua revolução interior, não é? A igualdade deles estava muito ainda no imaginário do século XVIII, talvez, não é? A gente estava lendo economia política, a gente estava tentando atualizar o vocabulário. Estou falando da experiência como estudante ainda. Isso (*a questão de gênero*) vai me tocar muito mais decididamente é no Anarquismo, é na leitura do Anarquismo, isso vai mudar completamente a minha visão sobre muitas coisas.

Monyse – Logo depois que a senhora se desliga do PT vem a candidatura do Renato Roseno pelo PSOL (*Partido Socialismo e Liberdade*), em 2004, para governador que a senhora apóia. O apoio é ao partido, ao PSOL, ou é ao nome do

A nova data foi 25 de abril, agora na Casa da Anpuh. A turma chiou: todo mundo queria visitar a famosa casa da Adelaide com seus milhares de livros. Atendendo aos pedidos, ela remarcou para a casa dela.

A maior parte da equipe chegou com meia hora de antecedência ao apartamento da professora Adelaide Gonçalves. A produção estava especialmente muito nervosa. Decidimos esperar no térreo para subirmos todos juntos.

Quando todos chegaram, tivemos que esperar a Isabela, que tiraria as fotos e ainda não tinha encontrado o local porque estava procurando do lado errado da rua. O Thiberio pediu que o porteiro avisasse que subiriamos em dez minutos.

Renato Roseno?

Adelaide – Monyse, acho que é preciso fazer, como é que a gente poderia dizer se estivesse na sala de aula... Uma redução sociológica desse tipo de acontecimento. Primeiro, não posso dizer que eu apoiei, porque eu não sou uma força social, não é? Não estou de modo nenhum corrigindo você, não se trata disso. É pôr as coisas em escala menor, não é? Eu deveria ter saído dessa forma partido há muito mais tempo atrás. Mas, na vida, também a gente vai sofrendo alguns processos de acomodação, ou alguns processos de uma... Sabe meio retardado, de ter alguma esperança...

Waldeina – (*interrompendo*) Quando foi que você decidiu se desvincular do partido? Ou foi desilusão?

Adelaide – Não. Não se trata de desilusão. Para mim, a forma partido, historicamente, eu compreendia racionalmente, que não é uma forma na qual eu deveria estar engajada. Por outra, a forma partido em que eu me engajei no começo dos anos 1980 foi tão rapidamente modificada, que aquilo em que eu estava já não era mais aquilo em que entrei, vocês compreendem? Foi muito rápido o processo de burocratização. Então não se trata de desilusão, trata-se de racionalmente compreender: eu não posso mais. A vida da gente é curta, eu tenho consciência do meu tamanho. Eu sou uma pessoa modesta, vivendo num lugar modesto. Eu tenho que fazer a minha vida um pouco melhor. E não era mais dessa forma. Então, é nesse sentido que sai do partido, com atraso, não é? Sai em 2003.

Mas aí é continuar na coisa de aqui e ali participar de campanha eleitoral. É muito mais, Monyse, uma necessidade de alguma intervenção pública. É muito mais como se fosse uma coisa para... Ficar em paz comigo mesma. De eu não me considerar omissa numa determinada conjuntura. Por isso que, às vezes – hoje não, hoje eu não participo mais de processos eleitorais de modo nenhum, hoje eu não participo –, mas até pouco tempo atrás eu participei porque achava que era uma forma de me pôr intervindo concretamente, dizendo do meu modo de ser. O meu modo de ser não é passivo, ele é um modo de agir. Ele sempre foi. É esse o meu espírito, não como natureza, mas como construção da minha vida. Então, é por essa razão, por entender que naquela conjuntura necessitava publicamen-

“a forma partido em que eu me engajei no começo dos anos 1980 foi tão rapidamente modificada, que aquilo em que eu estava já não era mais aquilo em que entrei”

Ao subirmos, a decepção: Adelaide ainda não estava em casa, fomos atendidos por uma senhora que cuidava da casa e enquanto ela não chegou fizemos um tour pela casa dela.

te que a gente vocalizasse umas certas compreensões da conjuntura, via uma candidatura. Daí porque foi do Renato Roseno, de certa forma, ela vocalizava esses nossos entendimentos que ele sintetizou em duas palavras: “Por uma outra política”. Veja o que ele diz: “Por uma outra política”. Então não sou eu que estou negando o PSOL, era ele que dizia “por uma outra política”, não é? (*sorri*).

Thiberio – Na conferência Vozes de Nuestra América, a Senhora disse uma frase: “que o mundo só iria mudar se fosse vermelho”. O que é que significa essa frase para a senhora de fato?

Adelaide – Isso é mais uma metáfora, é mais um recurso retórico mesmo, o vermelho está muito ligado à idéia das revoluções. O Gagari (*Yuri Alekseiévitch Gagarin, cosmonauta soviético, primeiro homem a viajar no espaço*) lá em cima disse: “A terra é azul”, ele viu a terra azul. Mas as revoluções foram vistas pelos contemporâneos das revoluções em vermelho. As bandeiras das revoluções foram em vermelho, ruge. O vermelho está muito impregnado dessa idéia da mudança que revolve, da mudança mais profunda. Então, não era verde a revolução. Ela era vermelha no nascimento da idéia de revolução. É um recurso retórico, não no sentido de palavra balofa, de palavra vazia, mas é um recurso da nossa metáfora de uma esquerda que...

Waldenia – (*interrompendo*) É uma chamada à revolução?

Adelaide – É, nesse sentido, eu continuo do lado da revolução. Eu continuarei assim. E vou mudando. Já mudei muito, e mudarei sempre, não sei o quanto, mas sempre estou em mudança e me fazendo e me refazendo e tentando me retificar e tentando aprender com vocês. Então foi isso, sabe Thiberio? Primeiro, América Latina é o lugar da Revolução para mim, para o meu imaginário. Dizia lá o historiador (*refere-se ao historiador inglês Perry Anderson, nascido em 1938 e importante pensador socialista da atualidade*): “Ainda que seja como recurso de imaginação, não se pode pensar na América Latina sem se pensar em revolução”. O que ele quer dizer (*é que*) ainda que os teóricos e as universidades e os pensadores tentem esvaziar o conteúdo da idéia de revolução na América Latina, mas para nós, ainda que seja como imaginação, ele tem prevalência. Porque quantos milhares morrem de fome na América Latina? Quanta jagunçada tem (*hoje*) matando os sem terra à bala? Isso não é dos filmes. Isso é de hoje, isso é de hoje. Quantos milhares são analfabetos e não têm acesso ao livro? Quanto de livro nós falamos aqui, quantos livros tem dentro dessa casa? Quantos milhares não tiveram, não puderam ter acesso a essa promessa que é iluminista, não é promessa revolucionária, ela é iluminista, não é? (*mostra-se sensivelmente emocionada durante essa fala*).

Então, nesse sentido, eu continuarei muito tranqüila nesse corpo. Sou de esquerda, sou socialista, tenho um enorme apreço pelo pensamento libertário, tenho imenso respeito pelos anarquistas, não em bloco, não é ‘os anarquistas’ como uma coisa monolítica, mas a uma figura

como Louise Michel, a pensadores como Kropotkin (*Piotr Kropotkin, geógrafo anarquista russo*) a esse pensamento ...

Monyse – Adelaide, na sua resposta anterior você falou dos sem terra. E, a gente vê na produção (*da entrevista*) que você assume publicamente o posto de militante do MST (*Movimento dos Trabalhadores Sem Terra*) e a gente está num momento em que se vê uma crescente onda de criminalização do movimento, principalmente pela mídia: parte da mídia está afirmando que o MST usou jornalistas como escudo humano (*no confronto entre militantes do MST e seguranças da Fazenda Espírito Santo, localizada na região de Xinguara e Eldorado do Carajás, no dia 20 de abril de 2009*), a ANJ (*Associação Nacional de Jornais*) e a FENAJ (*Federação Nacional dos Jornalistas*) lançaram uma nota em repúdio ao movimento (*Adelaide fica surpresa ao saber da nota*). Como intelectual militante, como é que você analisa essa conjuntura de criminalização do MST?

Adelaide – Há uns quinze anos atrás eu comecei a estudar mais, a ler mais, por razões do ofício de professora de História, o pensamento social latino-americano. Mas, quando eu estudava o pensamento latino-americano, estudava o José Martí (*poeta, escritor, orador e jornalista cubano, mártir da independência de Cuba em relação à Espanha*). Foi muito importante para mim. A idéia de pátria, conforme formulada por ele, no século XIX, e que poucos estudam aqui, de um ponto de vista revolucionário e não de um ponto de vista reacionário, sua idéia de ser feliz com os pobres da terra... Martí diz isso no século XIX, o Pablo Neruda (*poeta chileno, ganhador do prêmio nobel de literatura, morreu em 1973*) realiza sua poética no século XX nesse registro, o Eduardo Galeano (*jornalista e escritor uruguaio*), que faz o melhor periodismo da América Latina no Século XX, tem esse registro, o Gabriel Garcia Marquez (*escritor e jornalista colombiano*), que faz um dos melhores jornalisismos no século XX, tem esse registro: a idéia dos pobres da terra. Na América Latina isto é fundamental, isto é fundamental! A gente não pode ficar preso a esse imaginário das elites, de intelectuais citadinos, de um pensamento social que privilegia o estudo dos intelectuais nas cidades, dos intelectuais nos círculos letrados, do pensamento revolucionário como tendo sido uma criação dos intelectuais na

urbe, ou nos círculos intelectuais, ou nas academias, ou nos jornais apenas. Não!

O que é que foi a revolução no México no começo do século XX? São camponeses, são os despossuídos da terra. O imaginário dos anos 1960, a produção que se faz em torno dos condenados da terra, em torno da questão agrária... Quer dizer: há um desconhecimento pleno nos círculos intelectuais brasileiros, nos círculos do jornalismo brasileiro sobre o que é a tragédia que nós temos hoje no Brasil e no campo (*com muita ênfase*).

Então, é uma atitude arrogante, desqualificada e a-histórica de todos os jornalistas que caem nesse conto de dizer mal do MST. Essa é uma atitude que demonstra, para além de uma estupidez, um desconhecimento histórico por parte de grande quantidade dos jornalistas nas redações e fora delas. Não se trata de ter uma atitude maniqueísta de fazer a louvação do MST, não é isso. Mas é de dizer por que esse movimento tem razão de existência histórica no Brasil desde 25 anos, sem ter sido original. A luta em torno da questão da terra é uma luta secular, não foi o MST que inaugurou.

Há um historiador que diz em poucas palavras uma coisa que os jornalistas deveriam ler e deveriam entender à luz da História, História imediata – o jornalismo também poderia ser entendido como História do tempo presente, como História imediata. Há um historiador que diz: “A elite brasileira é tão arrogante e tão sórdida” – vamos pôr um plural: “As elites brasileiras são tão sórdidas e tão arrogantes, que elas olham para os pobres desde cima, de cima para baixo, os pobres têm que ficar lá embaixo, confinados e presos na sua brutalidade, na sua ignorância. Eles existem para isso, para ficar no piso ou ao res do chão” – como se diria no Português clássico. Veja, e ele diz, quando o MST se move e quando o MST diz ‘é preciso ocupar, resistir, produzir’, ‘é preciso realizar a luta contra o latifúndio’, ‘contra o pensamento liberal’, ‘neo-liberal’, ‘contra todas essas formas de opressão’ –, as elites não suportam esse vocabulário vindo de pobres da terra – e esse historiador diz e eu gosto de repetir sempre isso: “Elas têm horror a essa movimentação do MST, a essa ousadia de furar cerca, de cortar cerca, de subir na cerca, de entrar no que está pra depois da cerca, de não tratar a propriedade como um valor sagrado” – como o Direito

No quarto de Adelaide existe um altar dedicado a Frida Kahlo. Com livros e objetos referentes à pintura.

Adelaide tem um gato de nome Galileu Galilei, que vive na casa de sua família em Tauá. É um gato *pega* que segundo ela é uma personalidade em Tauá.



Sobre o gato, ela diz ainda que: “Pro jornalismo de péssima qualidade ele seria uma celebridade.”

A casa de Adelaide tem aproximadamente 15 mil livros ou mais, espalhados por todos os cômodos (inclusive os banheiros), além de algumas coleções, como artesanatos de gatos e fotos de algumas mulheres que ela admira.

Entre os livros encontramos algumas edições da Revista Entrevista encadernadas numa estante na sala. Depois a professora disse que tem todas as revistas porque gosta de guardar tudo que é bom.

Quando o Thiberio foi por a edição da Entrevista no lugar ele derrubou um bibelô que guardava atrás dos livros. Ainda bem que não quebrou!



brasileiro e as elites brasileiras querem que seja. Então, diz esse historiador: "as elites brasileiras gostariam..." Por que elas criminalizam o MST? Porque, para elas, "os pobres teriam que ser surdos e mudos, mas não satisfeitos" – olha a crueldade –, "elas queriam que eles fossem paráliticos, que eles não se movessem".

Então, é uma condenação liminar. Esse negócio da criminalização não é uma coisa de hoje. É uma coisa desde lá atrás. Isso vem sendo atualizado. Isso é mais sofisticado. O que é muito terrível é que esta forma de pensar começa a ser uma forma disseminada para muitos lados, em muitos setores daqueles que se dizem formadores de opinião. É muito mais rápida a voz contra o MST e muito mais lenta a voz contra os jagunços com braço armado pelos donos da terra, que hoje não é o fazendeiro, hoje é o cara dono da grande empresa multinacional que está em vastas funções de terra no Brasil, ou não é? Essa é a questão. Então, quando eu realizo um esforço de colaboração com o Movimento dos Sem Terra na sua escola, eu tenho muito respeito. Eu tenho muito respeito por aquilo que o MST realiza no Brasil. É preciso conhecer as escolas, é preciso conhecer a ação que o MST... O governo brasileiro, as elites no Brasil deveriam achar muito bom, o MST realizar, tentar realizar, essa dimensão, digamos, civilizatória de estudar. Não estou aqui idealizando. Há quem critique por várias razões ou não. Eu critico os que têm poder, dinheiro. Os que destroem o mundo. O MST não destrói o mundo.

Monyse – Numa das pré-entrevistas, o Flávio (*Barbosa, militante*) do MST (*no Ceará*) disse que você traz alegria ao movimento (*Adelaide se alegra e agradece*). E que alegrias o MST traz para você?

Adelaide – Muitas, muitas. Eles dizem isso quando eu vou aos encontros e às reuniões. Eles reparam na roupa (*Adelaide costuma usar roupas muito estampadas ou de modelos diferentes*). Então, a alegria que eles trouxeram para mim é a vida, é essa alegria de ver que tem muita gente bacana no Brasil dos pobres, não é? Que quer mudar o mundo. É isso que eles querem: mudar o mundo. Sozinhos não. Eles tentam: é a Via Campesina (*movimento internacional que coordena organizações camponesas de trabalhadores agrícolas*) e a luta internacional e continental. Olha como é interessante: eu sou professora da universidade, claro que estudei Caio Prado, claro que estudei Florestan Fernandes, claro que estudei Octavio Ianni (*pensadores das Ciências*

sociais no Brasil), mas eu compreendo mais esse pensamento e atualizo mais esse pensamento quando estou em sala de aula com os militantes dos movimentos sociais do que na universidade. É como se o pensamento estivesse se atualizando em movimento. É um movimento que me trouxe muita alegria, eles gostam de livros, o que eu mais gosto no MST é que eles gostam de livro. Tem uma máxima que me ganhou: "Onde tem um sem terra tem que ter um livro". Olha que coisa interessante! Isso os jornalistas não vêem, isso a mídia não vê. Toma-os como vociferantes, arrogantes, que estão invadindo. Olha, eles querem ler, eles querem é ter um livrinho e foi através do MST que eu passei a ler José Carlos Mariátegui (*1895-1930, um dos expoentes do pensamento socialista latino-americano*), a compreender muito desse pensamento social na América Latina. Então, eu só posso dizer bem dessa alegria. Agora fico dolorida, fico estilhaçada quando vejo essas cenas na tela da tevê, dos militantes baleados como carneiros, bichos... E "eles é que atiraram", como é isso? (*sensivelmente emocionada*).

Waldenia – Adelaide, conversando com a Kenya (*Rios, professora da UFC*), ela disse que desde quando era sua aluna ela percebe que, seja o que a senhora estiver estudando, o seu interesse está sempre em torno do trabalhador. Mas a senhora escolheu, na maioria das suas pesquisas, estudar o trabalhador a partir da imprensa, da imprensa operária. Então, eu queria fazer duas perguntas. Uma é por que estudar o trabalhador a partir da imprensa? E outra é como você vê a imprensa alternativa hoje?

Adelaide – Duas questões. Há um cara que contribuiu imensamente para mudar a minha visão de mundo. Um dos caras que mais alteraram a minha sensibilidade, até hoje, como leitura, *Edward Thopsom (Edward Palmer Thompson, historiador marxista britânico)*. Esse é o cara! Eu não conheci o Thompson. Ele faleceu, o quê? Há uns doze anos... bem que eu podia ter conhecido, mas eu não conheci. Mas li, li muita coisa dele. O Thompson como historiador social, ele modificou muito a minha forma (*de pensar*). Então, (*para Thompson*) são os trabalhadores como sujeitos de ação na sua vida. A história social foi esse caminho. Como eu não sou filha de uma matriz historiográfica que vai em busca das ortodoxias, eu não fui me interessar pela construção dos partidos operários, compreende? Não foi esse o caminho. A minha idéia é: "Onde?". E eu li coisas tão bonitas do Thompson e do *Richard Hoggart (escritor britânico, pesquisador dos estudos culturais)*, que é leitura fundamental, um livro escrito em 1956 de uma atualidade muito bela, do campo da cultura dos trabalhadores. Então, tentando ir ao ponto, Thompson, Hoggart e Raymond Williams (*1921-1988, pesquisador galês dos estudos culturais e influente pensador da nova esquerda*). Ler esses três caras – vamos pôr aí uma mulher muito bacana, *Michelle Perrot (historiadora francesa, professora da Universidade de Paris)* –, digamos que ter lido esse autores, esses estudiosos, foi fundamental. E os três primeiros realizaram seus estudos

Achamos melhor, então, escolher e arrumar o local onde seria a entrevista. Escolhemos a varanda do apartamento.

Ao começar a entrevista, Adelaide disse que estava trabalhando muito nos últimos dias e estava "detonada". Todos riram da expressão.

quase sempre de costas para a vida acadêmica e para a vida institucional. E o que eles dizem da maior importância na vida deles foi ter ensinado para trabalhadores, dado cursos para trabalhadores durante 18 anos da sua vida.

Não é verdade que nós escolhemos os objetos da nossa pesquisa: eles nos escolhem. Eu não poderia estudar outra coisa. Eu me interesso pelo mundo do trabalho e das suas possibilidades de liberação, de libertação, de transgressão, de negação da ordem é também numa perspectiva deles aprenderem a escrever, a ler, a dizer, a contar, a festejar, a teatralizar, a encenar. É a palavra, a palavra insubmissa, a palavra rebelde, dita rebelde no teatro operário, no teatro social, na literatura, nas canções, no hinos, nas greves. Olha a potência de certas greves, olha a coreografia das greves, não é? Marcar a hora que a máquina pára, que os braços se cruzam. O silêncio das máquinas, o barulho de uma greve, o barulho de um piquete. O que eram os cortejos do primeiro de maio?

É por isso que eu fui estudar essas questões: pela beleza que elas trazem, pela possibilidade que a gente vê. Eu encontro um jornalzinho em São Paulo, chamado o regenerador de um cara daqui de Fortaleza, um anarquista, *Moacir Caminha (pioneiro no anarquismo no Ceará)*, fazendo esse jornalzinho, criando o clube socialista *Máximo Gorki* em Fortaleza em 1908. Isso de tal modo (*me*) comoveu, isso de tal modo mexe com minha estrutura de sentimento, para usar uma expressão de Raymond Williams, que a gente diz: Puxa! É preciso estudar isso com vigor, é preciso dar a conhecer esse tipo de possibilidade. Aí, um registro convencional e conservador da história do jornalismo pode dizer: esse jornal só teve uma edição. Tivesse tido meia! Não é isso que dá a força do periódico: ter tido 200 edições ou ter tido uma. Ter tido uma já diz da possibilidade de ter 100. Por isso eu estudei, estudo e gosto desse tipo de jornalismo abusado sem compromisso com o vernáculo e com o bom vernáculo, com a boa posição, o compromisso não era esse. O compromisso era dizer bem da aurora do mundo, dizer mal dos patrões balofos, acendendo charutos naquelas notas de dólar, as barrigas protuberantes e as auroras à liberdade, à revolução feminina. Sempre são figuras femininas que estão ali registradas. Então, é por isso que eu estudei esse tipo de fenômeno social, que não é só urbano, muitos jornaizinhos também de trabalhadores rurais.

Waldenia – E a imprensa alternativa hoje? Como você a vê? Existe espaço ainda?

Adelaide – Existe, existe. Existe espaço e grande necessidade. Esse é um terrível problema com o qual nos deparamos, porque na ditadura essa imprensa fora da ordem ou contra a ordem cumpriu um papel importantíssimo na luta pela democratização do Brasil. Os jornalistas desse tipo de periodismo cumpriram um papel fundamental, alguns com uma certa dimensão demiúrgica inclusive. E parece que se tornou consenso que essa imprensa só podia existir nos tempos da ditadura. Que coisa absurda! Essa é uma perspectiva a-histórica, porque hoje há espaço

e há necessidade. Porque hoje é que a imprensa está cada vez mais monopolizada. Hoje é que ela é cada vez mais determinada a um serviço sujo das grandes corporações. Veja o que era o jornalismo – vocês podem discutir isso com propriedade com seus professores – e vejam como nos anos 1970 até 1980 tinha um jornalismo com alguma preocupação ilustrada: tinha a folha ilustrada – e ilustrada aí não queria dizer desenho, não –, era essa perspectiva da leitura, das resenhas, de conectar os centros no Brasil ao melhor cosmopolitismo metropolitano desde Nova York ou desde Londres ou desde o *underground* de Berlim, e tal, e tal. Hoje existe esse tipo de imprensa? Hoje existe esse tipo de jornalismo no Brasil, com essas características? Não conheço, não conheço, não conheço!

Então, hoje há, além de espaço, uma necessidade. Há um grande intelectual do século XX e do século XXI, acho que hoje é o maior intelectual público que nós temos conhecimento, o Noam Chomsky (*Acadêmico, professor de Linguística e Filosofia no Massachusetts Institute of Technology (MIT), é também um ativista político incansável em suas manifestações contra o capitalismo americano*), e ele estuda grandemente esses problemas da imprensa como esse caminho da fabricação e difusão dos consensos, o mundo de consensos fabricados, impostos, pasteurizados, pensamentos uniformes... Acho que o Chomsky chama atenção para questões fundamentais. Aqui no Brasil, nós temos um sério problema. Eu mesma participo de um projeto muito reduzido muito pequeno de alcance mínimo mas é a forma que se tem que é um jornalzinho que se chama *Brasil de Fato* ele tem uns seis anos, é reduzido é um número pequeno é uma tiragem muito pequena, um alcance muito pequeno. Mas, eu acho que, como esse, tem outros jornaizinhos que têm pouca circulação, revistinhas... Tem sempre alguém fazendo uma revistinha, um jornalzinho.

Waldenia – Uma última perguntinha. Nós sabemos que você dá aulas na universidade, na graduação e na pós-graduação. Você organiza eventos como a Conferência Vozes de Nuestra América e outros eventos grandes assim, enfim, você não tem tempo para nada.

Adelaide – Não. E isso é muito ruim.

Waldenia – Mas você é uma pessoa que mora só. Dá tempo sentir solidão?

“Porque hoje é que a imprensa está cada vez mais monopolizada. Hoje é que ela é cada vez mais determinada a um serviço sujo das grandes corporações.”

De fato, ela apresentava ar cansado e até nas roupas faltava o colorido de sempre. Os estudantes também estavam muito nervosos, era a primeira entrevista da turma.

Adelaide fumou um cigarro, antes da entrevista, e dois durante (logo após a Isabela, nossa fotógrafa, ir embora).

Ao se despedir do Professor Ronaldo Salgado, Adelaide o chamou de “docinho”.

Nove dias depois da entrevista, Seu Cezídio, o pai de Adelaide faleceu em Tauá.

O mais difícil do trabalho de pós-produção foi encontrar os nomes de todos os historiadores e filósofos citados pela professora durante a entrevista.

Adelaide – *Dá. (respira forte)* Dá... Se não tivesse tempo para solidão, aí era melhor acabar logo. Porque essa convivência comigo mesma, e não ter medo da solidão, é também um aprendizado. Porque a solidão é muito povoada, não tem solidão sozinha. É povoada de imagens, de livros, de leituras, de fantasia. Então, eu estou do lado dos utopistas no mundo. Agora é um problema essa coisa da correria, da falta de tempo, porque isso rigorosamente nos impede de dedicar tempo para o bom da nossa vida, que é curta. O poeta diz: "Ela (a vida) é breve" e se, além de ela ser breve, a gente transformá-la em pequena, aí é terrível. É muito terrível para a gente não ter tempo para a fruição das coisas boas: do cinema, do teatro, do encontro com os amigos. Que é aí que a nossa humanidade se fortalece. Do convívio com os estudantes, a nossa relação fica uma relação muito na sala de aula, muito institucional. Não há tempo para as vivências, não há tempo para as experimentações fora de sala de aula com os alunos. Ah, se houvesse tempo! Como nós poderíamos ser melhores como professores. Então, há que ter tempo. Acho que faço é pouco na cidade.

